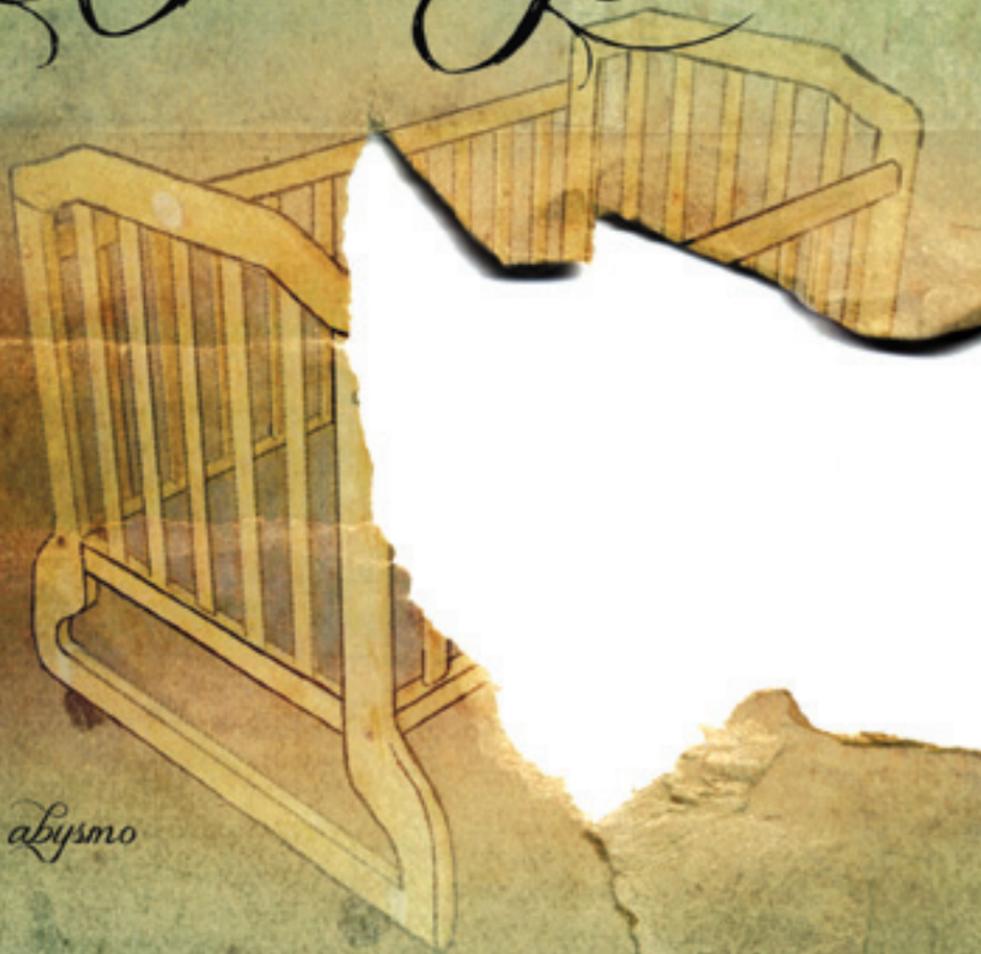


Valério Romão  
O da Joana



abysmo







62

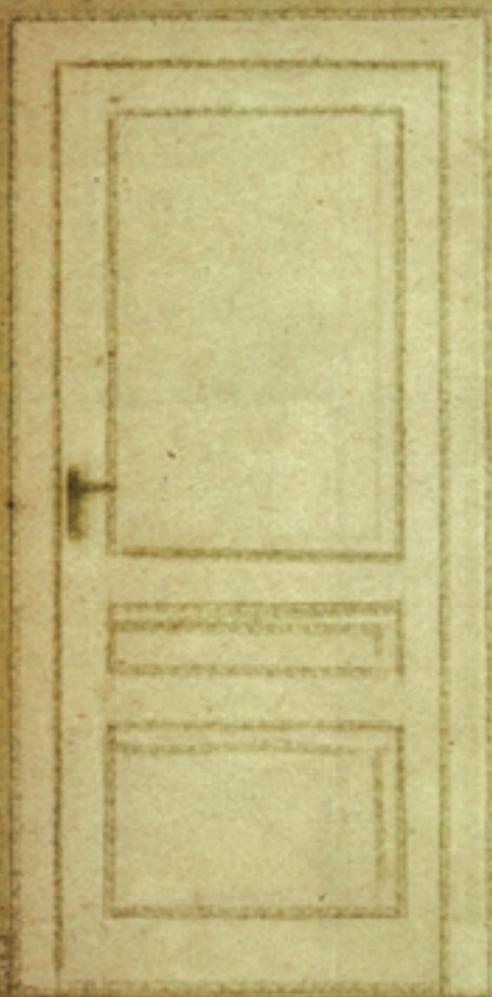
第一













Valério Romão  
O da Joana

*Uma novela*

Ilustrações de ALEX GOZBLAU

Volume II  
da trilogia  
*Paternidades falhadas*





*O mundo é tudo que é o caso*

LUDWIG WITTGENSTEIN

À minha mãe, à Teresa, à Ralina, à Alette



Era uma festa caseira e as pessoas cirandavam pelo apartamento em São Domingos de Rana, um rés-do-chão espaçoso, com duas marquises amplas, onde os convivas se aglutinavam, trocando, no vão das portas de correr, palpites sobre o Benfica-Sporting que se avizinhava e isqueiros. Naquelas bolsas de espaço intersticial cresciam generosas colunas de fumo, dentro das quais a civilização e o cancro avançavam, *paso doble*, prédio acima, dispersando-se pela roupa enforcada nos estendais. Era uma festa familiar, cada um dos casais convidados trouxera, dentro de *tupperwares* ou agasalhados por mortalhas de alumínio, bolos levantados em esforços maratonianos para conjugar trabalho, filhos, compras e cozinha, salgados não menos cansativos, sumos de marca branca com laranjas de sorriso asséptico estampadas, vinhos sortidos, a maior parte deles alentejanos, baratos e bebíveis, vinhos que não embucham o ego nem o destronam, garrafas que se podiam trazer debaixo do braço sem um saco-cama de plástico à volta, e batatas fritas e amendoins torrados, acepipes de toda a espécie polvilhados de canela, sal, picante ou açúcar, miniaturas em forma de estrela ou de *duomo* milanês, uma incrível variedade de coisas

que ia compondo a mesa de pinho maciço, comprada numa ida a Paços de Ferreira, numa promoção de mobiliário de linhas em desuso, que surpreendia pela aparente actualidade das formas e pela robustez de construção, e, em chegando a casa com a mesa, que entrara por uma das janelas da marquise por não caber pela porta principal, a mulher deu com uma moessa num dos cantos, inobservável na penumbra do salão de exposições, e entristeceu.

As crianças, um zurzir de moscardos anões, carambolavam um frenesim incontrolável que terminava mais ou menos na linha da cintura e, do fosso intransitável a que se chama infância, irrompiam, num salpicar de fogo-de-artifício, a variedade infundável de gritos pelos quais a energia se ia esvaindo, muito devagar, como o tempo eriçado sobre a corda do funâmbulo. Às vezes alguém tropeçava num catraio e, no mesmo passo, desmultiplicava-se em desculpas e beijinhos, ambos repudiados com a mesma convicção, lauta e audível, cujo efeito era o de acercar da fonte sonora a progenitora, atraída pelo timbre daquela choradeira concreta, num magnetismo tão primário quanto passível de ser documentado em vídeo, e, num *discovery channel* qualquer, poderia surgir o Zequinha em primeiro plano, a berrar de fúria por lhe terem calcado o mindinho e, com outra câmara e noutro plano, apareceria a Josefa, primeiro divertida, esganiçada das anedotas e, logo, alerta, focar-se-iam algumas expressões de *notável recorte primitivo*, como sublinharia o locutor, um antropólogo de Cambridge doutorado em programação neurolinguística, com carreira feita do lado de cá e de lá do Atlântico, consultor nas horas vagas, viciado em errepegês *online* e dono de uma cadela chamada *Brandy*, com a qual passeava pelos diversos jardins de Londres para meter

conversa com tantas mulheres quanto lhe fosse possível, não combinando nada com nenhuma, por se achar feio ou por respeito freudiano e retroactivo para com a mãe, nunca se saberá, guardando todas as caras, mamas e perfumes num laboratório imaginário, onde ensaiava combinações das quais brotavam, em erecções muito aceitáveis, o palimpsesto dum desejo indefinível, e Josefa, voltando a ela antes que o antropólogo acabe de terminar, seguia o rasto do choro com uma câmara como lastro, pela qual entrava um plano, transformado, à boca da tela, numa tese académica, cujo corolário era a admissão de que todos os primatas se equivaliam, pelo menos nas pulsões mais profundas e genuínas, e que tudo o resto, poesia e música inclusas, era o revestimento frágil de um corpo que não se sabia decidir a viver por dentro ou por fora, e o Zequinha, roxo da espera, que a mãe não dava com o quarto certo, soluçava, dependurado na ranhoca, o final de festa, e, do adulto descuidado, desse, nem ver.

Quem ouvisse bem e não quisesse sustentar a curiosidade, a pretexto de não se preocupar, podia perceber, passando por um dos poucos quartos interditos à gaiatada, que, ainda assim, respeitava algumas regras – satisfaziem-se os adultos em dizê-lo, baixinho e em conjunto –, um som, um choro, um choro abafado e contorcido, em baixo registo, e quem por ali passasse munido de um coração, no geral, e de um coração feminino devidamente calibrado, em particular, não poderia deixar de rodar a maçaneta e aventurar-se pelo quarto apenumbado, onde luziam, espalhando a claridade que se acumulara na ombreira da porta, objectos de plástico, dos quais se adivinharia, à falta de melhor hipótese, intencionalidade lúdica, carrinhos e réplicas de armas, extensões de espaço e plástico com apliques prateados

e bocados em falta e, dentro do quarto, a Joana, numa orientação de sonar, ia encurtando o espaço entre ela e o choro, sacudindo com as biqueiras dos sapatos as coisas que desconhecidamente se interpunham entre um passo e o outro e, chegada ao berço de onde provinha o som, apartava com a ponta dos dedos os cobertores, para de lá emergir, vociferante, o choro que reclamava o aparecer da audiência renitente.

Joana, com redobrado cuidado, tacteando o bebé, que se meneava num contorcionismo de molusco, ia afastando a roupa da cama até descobrir inteiramente o corpo revestido a algodão azul, do qual eclodia, em vagas sucessivas, o choro inquieto pelo qual a gravidade afectiva se contraía numa expansão de buraco, chamando, em primeiro lugar, mulheres e, em última instância, algum homem que não ficasse indiferente à enorme desproporcionalidade entre o corpo que gritava e o grito.

Joana cria que fosse suficiente o colo para que o bebé amainhasse o choro, mas este, agora na vertical e ainda necessitando de generoso apoio para sustentar o pescoço, mostrava, a plenos pulmões, que não precisava de calor humano, mas de outra coisa completamente diversa, ou porventura complementar, qualquer coisa entre o afecto e o sono, na escala de Richter dos desejos, e Joana foi capaz, dando sequência de movimento à coisa pensada, mais naturalmente do que previra, de desapertar o sutiã, para fazer assomar, na meia-luz mortiça do quarto, um mamilo de onde despontavam já (acaso a visão natural fosse munida de um generoso *zoom* passível de activação voluntária) bolsas microscópicas de leite, que Joana, com as pontas dos dedos, fazia efluir do pináculo róseo, numa erupção alva. O bebé, fosse por intuição ou pela coincidência dos actos, deixou de chorar assim que Joana pensou em dar-lhe mama.

O contacto com o leite deu-se já em relativa paz, o pequeno apenas rabeava a sofreguidão natural de um desejo ainda cego para a posteridade de si próprio, porque a identidade das coisas nestas idades, e às vezes até bem mais tarde, é como uma dor de dentes que, no momento de se dar, eclipsa tudo o resto, de tal modo que o corpo, na fome, é só boca, e, no cagar, só ânus, validando num só processo, tão primevo quanto difícil de verbalizar, Deleuze, sado-masiquismo e metade de um Freud, e Joana, sentada no rebordo da cama com o filho ao colo, na expressão máxima do afecto maternal, fazia as vezes de *pietà* doméstica para quem quisesse rodar a maçaneta e expor o quarto à luz.

A lenta mas contínua sucção que a boca do bebé aplicava no alvéolo do mamilo fazia Joana descer o reposteiro das pestanas, cansada que estava de um dia ocupado pelo espaço de dois, cansada das noites lancetadas por intervalos de choro e de fome, cansada e dorida das gretas nos mamilos, um ramal de sulcos a provar a existência da criança, se dúvidas houvesse, quando, muito raramente, acorda em silêncio, cansada das provas de afecto pelas quais cabe penitenciar-se das horas rapinadas à economia familiar entre pedidos de desculpa e de compreensão, cada parte da boca a articular um chamamento diferente numa dissonância de avecê, e o bebé, no colo, sequioso por se saciar, esperneia de contentamento, enquanto Joana, sorrindo na penumbra, lhe mexe na cabeça, mesmo junto ao atlas, numa pequena cova entre dois tendões tenros que sustêm a pele numa tensão de ponte suspensa.

Joana, de momento convertida numa ordenha fácil e disponível, recosta-se aos poucos à cabeceira da cama e os dedos da mão esquerda rodam, com cuidado, por causa da aliança

de ouro com a inscrição interior *para sempre*, que ela agora nunca tira, porque se envergonha da puberdade indisfarçável do escrito, não a tira porque lhe causa alergia ao nervo cínico aquele dizer, não a tira porque não estando preparada para a eternidade, ainda o está menos para reconhecer o erro, e, numa audácia súbita, mandar apagar aquilo para sossegar a molécula, já de si cansada do trabalho, das crianças, da vida áspera que reclama portagem a cada lance em que a imaginação tente levantar a saia às coisas, como elas, aborrecidamente, se apresentam, e, com a cabeça a crepitar de pensamentos desgarrados, numa explosão de pipocas, Joana começa a ficar excitada, primeiro sem perceber bem porquê e, logo depois, sem se importar em demasia e, com os olhos fechados, aquela zona, na nuca do bebé, que os dedos da mão esquerda alcançam é de repente um púbis invertido, um declive imberbe, onde, na concavidade mais profunda do vale, se refugia, num abandono de arbusto depenado, um clítoris vistoso a que os dedos não chegam, ou por vergonha ou por inépcia, e Joana cruza as pernas sem interromper a sucção, para, de súbito, o seu próprio monte de Vénus ser um reflexo especular e invertido daquele declive na cabeça do menino onde a mão cava círculos que o prazer vai enchendo e de onde vai sumindo, como a neve a cair num poço, e, com as coxas contraindo-se uma contra a outra, Joana vai conseguindo provocar réplicas cujo epicentro vai alternando, primeiro é aquele vale imberbe tapado pelo nevoeiro de algodão que o recobre e, logo de seguida, é um ponto no interior das coxas, uma imprecisão definida, um prazer heisenbergiano, ilocalizável, mas, decerto, mais ou menos ali, e Joana, nos raros momentos em que interrompe a apneia do prazer, pensa que aquilo tudo, uma mãe e um filho, o prazer

dúbio dos sentidos que se confundem, deve ser normal, pensa, se calhar é só um inconsciente mais a ser resgatado das profundezas da ignorância e da obscuridade, talvez de cem em cem anos tenha de aparecer alguém cuja honestidade radical deponha a nudez interior de todos os homens no sofá da terapia, e se Joana não tem pretensões científicas ou terapêuticas, não deixa por isso de ter cérebro e alguns instintos apreciáveis, convertidos neste momento à conservação da sanidade e à manutenção do ritmo de prazer, mesmo que tudo isso assente em lodo, pensa Joana, o prazer já ninguém mo tira, e o bebé chupa cada vez com mais força o leite que vai rareando dos ductos mamários, enquanto Joana meneia ligeira mas intensamente a bacia para conjugar num futuro próximo a possibilidade de um orgasmo, que poderá advir do seu púbis ou daquele loutro invertido que encontrou, numa distração de dedos, na base da cabeça do filho, homem que, um dia, não se lembrará daquilo que nunca chegou a compreender, afinal ele é só fome e choro e enquanto a linguagem não lhe cair da boca, não passará disso, de uma criatura para a qual a posteridade dos desejos não existe, é o tempo a executar-se num presente perfeito, sem rememoração do passado e sem tensão para o futuro, um único ponto que mais tarde se distenderá, em primeiro lugar, num círculo traçado pela quotidianidade e pela repetição e, posteriormente, num horizonte plano, sobre o qual Baudelaire disse serem necessários unicamente dez quilómetros quadrados de mar para sublimar a sensação de infinito.

No corpo de Joana, atordoado pela roupagem nova das sensações que já conhece, sucedem-se os tremores íntimos e toda ela ressoa numa emergência de sino, a sua respiração converge aos poucos para o ritmo que rege a respiração do bebé e nem

os gritos dos miúdos no corredor ou a voz arrastada de quem tenha bebido umas mínis a mais são suficientes para arrancá-la daquele estado, o prazer emergente gatinha-lhe pelo perímetro do corpo, e, como uma Coca-Cola transportada aos abanões, ela rebenta, primeiro pela boca, o fio ininterrupto de um gemido que vai preenchendo o quarto, e logo depois são as coxas a receberem a tepidez de uma eclosão líquida, e toda ela se contrai e se distende, várias vezes, até sobrar por cima da cadeira e por debaixo do bebé, simplesmente, um cansaço feliz. Se a vida tivesse banda sonora, pensa Joana, era agora Antony and the Johnsons, o vibrato da voz de Antony a percorrer, numa deflagração contida, os nenúfares das notas do piano, pena que o Jorge não goste do Antony ou sequer de piano, pena o Jorge preferir um pastiche de ritmos africanos em cadência sincopada de microondas, músicas de onde a própria voz humana foge por não encontrar calor onde habitar a sua presença, músicas, se o termo se pode aplicar, sem um vestígio de tragédia, ritmos desenhados na serra monótona de um teclado, para satisfazer, e, mesmo assim, só parcialmente, a fome de agitação de umas glândulas supra-renais hipostimuladas, e música não é aquilo, farto-me de dizer-lhe, música é história, anúncio de morte, de amor ou de culpa por expiar, um poema, talvez, a música, sobretudo a música que um poema possui ou pela qual se deixa possuir, é um excerto da vida onde a vida não chegou a pôr pé rente.

Joana esforça-se por não se deixar dormir, como o bebé, que, de olhos perfeitamente cerrados, dá sinal de despertar só quando Joana pretende afastá-lo do mamilo, cuja função alimentar se converte, sem interrupção, num apaziguamento de chucha. Joana não tem como sair dali sem lhe provocar de

novo a irrupção do choro, e ela é só isso, um vaso onde lavar a fome e o tédio, e talvez todas as mães sejam só e sempre isso, pensa Joana, pontos de aplicação da vontade dos filhos, que lhes galgam o corpo até criarem asas nos pés e passarem, num repente impreciso no qual aparecem, concomitantemente, barba, tesão e esperma, a olhá-las de cima para baixo, como se mirassem uma paisagem familiar, talvez a casa onde auscultam a saudade desde o topo do mundo que habitam, e nem os sinais que as mães lavradeiras cavam no chão, seguindo as indicações dos pais arquitectos, que, sob luz miúda e difusa planeiam, noites a fio, Stonehenges e outros mistérios, inventados por quem se desabitou, por estar possuído pelo gene da transcendência, a olhar para os sapatos e para o chão, nem os sinais os fazem descer das cúpulas estelares, de onde só acabam por cair quando se deixam prender pela âncora afectiva de um amor que lhes devolva o peso, e, quando geram descendência, acabam por perder o rumo à porta de casa, deitam-se a fazer planos no verso das contas que engasgam a caixa do correio, coisas magníficas que raras vezes passam do papel, símbolos que, por ouvir dizer, confiam que lhes restituirão uma masculinidade cujo paradeiro perderam, entre outras coisas, na queda que não puderam antecipar ou evitar.

Joana?

A porta entreabre-se e é uma voz feminina que ausculta o quarto

Joana? És tu?

E de repente é a claridade que invade o espaço, a mulher, no entrar, convida também a luz, com a ponta dos dedos toca no interruptor e, ajustando a visão ao visto,

Joana, que fazes com o Martim?

E nisto, Joana mantém-se quieta, excepto pelo indicador que leva à boca, silêncio, faz ela com o gesto, o bebé acabou de comer, pensa, agora mesmo são três ou quatro horas mais de sossego ininterrupto, e isto não é de graça, se ele acordar agora vem a birra de sono atrás e nunca mais o consigo adormecer, salta uma sesta e eu uma oportunidade de mergulhar neste mar de gente, sinto-me como se eles fossem a água de quem não se lava há semanas, sequiosa de conversa, de saber das diferenças de temperatura entre o quarto e o sétimo andar, entre a Bobadela e Pirescoxe,

Joana, dá-me já o meu filho e explica-me o que se passa, e Joana, sentada na cama, não percebe o que se passa, o que tem de explicar para sanar o diferendo cuja origem desconhece, abre os olhos com a dificuldade de quem se habituou à penumbra e fita a mulher defronte dela, e esta devolve-lhe um olhar no qual mescla, em proporções indiscerníveis, surpresa, medo e zanga, e Joana não compreende o porquê de ser visada assim, como um ladrão que se atrevesse a roubar uma casa ocupada e fosse surpreendido com a mão no pote, e só paulatinamente lhe chega o sentido veiculado pela expressão *o meu filho*, e logo a seguir entra o *dá-me já*, numa sequência de moedas cujo total valesse um maço de cigarros ou um refrigerante, sendo que neste caso as moedas caem e caem sem que produzam efeito de câmbio, são somente combustível para a desordem, e mesmo sem perceber o que pretende a mulher que a interpela num tom seco, Joana sente a necessidade de se justificar, de exprimir o indizível, isto é, a sua certeza vital de ser mãe da criança que amamenta,

Olhe, não estou a ver de onde a conheço, diz Joana, mas não percebo o que quer de mim, deve estar enganada

no quarto, este é o quarto do Francisco e este é o Francisco, sorri, apontando com os olhos para o bebé que dorme no colo, embrulhado no seu sono de crisálida, veja no quarto ao lado, o pequeno que procura deve estar lá, a casa nestes dias de festa transforma-se num berçário, os nossos amigos, das nossas idades, desataram a ter filhos e naturalmente trazem-nos, e trazem também amigos seus com bebés, deve ser o seu caso, por isso a confusão, mas diga-me lá, veio com quem?

A mulher leva as mãos à boca e sustém com dificuldade um grito, mas não as lágrimas, que lhe correm pelas bochechas, tingidas do vinho ou do calor, de súbito toda a zanga é absorvida em proporções desiguais pela surpresa e pelo medo, e, a balbuciar, tenta exprimir-se, verter adequadamente e em palavras o tumulto,

Ó Joana, eu não sei o que se passa e que brincadeira é esta, mas dá-me já o Martim e a gente conversa depois, porque tu não pareces bem, e estás a deixar-me cheia de medo, se calhar devia chamar o Jorge, ou o meu marido, se calhar é melhor chamar os dois, ai meu Deus que bem me disseram que tu às vezes variavas, eu é que nunca liguei muito, ó Joana, dá-me o Martim, a gente já conversa melhor, eu ajudo-te no que puder, vais ver que tudo se resolve, agora há muita medicação e apoios e terapias, não é como antigamente, vais ver, dá-me só o Martim, por favor,

Joana tentava encontrar o fecho do sutiã com a mão esquerda, disponibilizando a dextra para amparar o bebé, procurando uma posição na qual conseguisse agarrar o pequeno com mais segurança, porque a mulher, aos poucos, avançava para ela, sem tirar os olhos da criança, e Joana, cada vez mais intranquila, sentada, as pernas dormentes da posição que haviam

assumido, lembrava-se de diversas cenas de filmes onde aconteciam coisas semelhantes, mulheres ou homens momentaneamente ofuscados de razão a empreenderem ousadias que despertavam no espectador vergonha, e de todas essas cenas retivera como substrato, unicamente, que a calma é o melhor aliado, e isso sossegava-a de algum modo, enquanto Joana não se lembrava das pistolas escondidas ou das ajudas inesperadas que essa gente tinha, daí a calma, daí a confiança num desfecho positivo.

Joana, diz a mulher, meio a medo, enquanto avança passo a passo, dá-me o miúdo, dá-me o Martim, e depõe a mão esquerda, tremelicante, sobre a boca, assim que acaba de falar, enquanto a mão direita sonda, é a ponta de um fio que entra pela artéria femural para chegar, pacientemente e sem repêlões, ao coração onde habita um mal desconhecido, é o tacto transmutado em olhar a inquirir cada centímetro que queda por percorrer até chegar a Joana, e esta mantém ou aumenta o intervalo que a separa da mão suplicante dando pequenos passos amblíopes para trás, contornando a cama, ao mesmo tempo que vai dizendo: pare, afaste-se de mim, não percebo a brincadeira, nem gosto dela, já chega, chame o seu marido, ou o meu, ou alguém lúcido, que para mim isto já basta, a criança daqui a pouco acorda e assusta-se, a senhora não quer pôr um bebé aos berros, a senhora vai apanhar uma vergonha tremenda, mesmo que isto seja só uma brincadeira, uma brincadeira de mau gosto, sobretudo se for uma brincadeira, porque já deixou de ter graça, recue minha senhora, recue antes que ele acorde, saia do quarto e talvez a gente consiga evitar uma situação para todos desagradável. A mulher não recua, a mulher avança numa paciência de glaciador, a mão direita à frente, como se alumiasse o caminho com

os faróis dos dedos e a mão esquerda a fazer de tampo para a boca, uma cúpula de falanges a lembrar o topo de um vulcão por irromper, os olhos postos na criança, os olhos, tão fixos e vazios como os de um peixe a feder uma morte horizontal na bancada da praça, e a mulher avançando, apoiada numas pernas altíssimas, como juncos de rio, a ameaçarem, a qualquer momento, desabar, por causa da tremedeira que lhe sacode todo o corpo, e Joana, recuando, sem ousar exprimir-se num grito, o bebé cada vez mais enroscado no colo, a mão esquerda tacteando o colchão, como iria depois explicar aos seus convidados, pensa Joana, que lhe aparecera em casa uma mulher que confunde quartos e maternidades, porque a verdade é por vezes como o amor, necessária mas não suficiente, e sobre esse melhor pano de São Domingos de Rana, onde decorre uma festa caseira e onde as pessoas cirandam pelo apartamento, um rés-do-chão espaçoso com duas marquises amplas onde os convivas se aglutinam, trocando, no vão das portas de correr, palpites sobre o Benfica-Sporting que se avizinha e isqueiros, pode subitamente cair a nódoa da desconfiança, da diplomacia equivocada, e lavar isso implica, para além da desmultiplicação em explicações tão desnecessárias como insuficientes, uma fé que as pessoas guardem dos outros e para si, daquilo por que passam em conjunto, mais bem do que mal, uma fé que Joana, por carácter ou pelo entulho que acumulou na ravina do passado, desafortunadamente, não possui.

Cruzam a porta três homens a passear na pinça dos dedos umas cervejas, e um deles calha a olhar para dentro do quarto, onde aquela disputa salomónica decorre, em segredo, as quatro paredes a abraçarem-se num compadrio de silêncio, e o homem, não achando nada de verdadeiramente digno de

prender o passo, à primeira vista, continua a marcha, ladeado pelos outros dois, e os três riem de uma piada ou das pernas disléxicas de alguém inexperiente com a bebida, mas a imagem daquelas duas mulheres não sai da cabeça do homem, ora porque as conhece, a ambas, ora porque há qualquer coisa na cena presenciada que lhe causa confusão, uma espécie de arritmia da normalidade, e não consegue não voltar com os passos atrás, como se rebobinasse a vida com os calcanhares, primeiro sozinho, mas logo seguido dos outros dois, que lhe recuperam a presença mal se apercebem de que lhes falta um para serem três, a conta que deus terá feito quando decidiu complicar o mundo, a metafísica e o princípio da identidade, e os três homens ficam à porta, em silêncio.

Joana, virada para a porta, reconhece o seu marido, em primeiro lugar, um amigo dele a ladeá-lo e uma terceira pessoa da qual não recorda os traços, e apressa-se a fazer-lhe sinal com as sobranceiras, com uma expressão do olhar que gatinha pelo quarto à procura de um colo seguro onde possa poisar, sem ousar desfazer o silêncio, não vá a mulher tentar uma loucura que não possa ser atempadamente impedida, é metro e meio que a separa dela, enquanto são três metros, pelo menos, a distância que a separa da cavalaria masculina estacionada na ombreira da porta, e nestas coisas das probabilidades a Joana sempre preferiu a cautela às contas e, no caso em apreço, no qual não se equaciona somente a vida e a segurança dela, mas antes a do filho, que protege numa redoma de abraço, Joana não tem dúvidas em preferir uma abordagem cautelosa, e, talvez por uma semiótica de gestos que pela urgência encontrem um fundo de sentido comum, pensa poder trazer os três homens, ou pelo menos o marido, pelo grampo do olhar, para dentro do

quarto, e estes sejam os agentes de travagem da mulher, a qual, na aproximação, mantém a distância, só e somente até a parede acabar por travar Joana e tornar inevitável o confronto.

Como os olhos dizem mais do que a boca, mesmo que esta fale sempre mais alto, a mulher, advertida pelo repentino desvio do olhar de Joana, vira-se para os homens, que continuam à porta, cada qual munido da sua expressão espontânea de espanto, e deixa cair o braço para junto do corpo, desfazendo o arsenal de poses predadoras pelas quais se acercava de Joana, e, quando vê o marido entre os três homens de cujas bocas não sai um som, mesmo que desarticulado, não logra suster as lágrimas, e estas acompanham o texto do qual se vê livre numa urgência de confessorário,

Fernando, tu não vais crer, esta Joana não regula de todo, eu que não emprenhava pelos ouvidos quando me diziam dela cobras e lagartos nos aniversários dos miúdos, afinal é tudo verdade, ela não regula e ninguém lhe mete a mão, é até acontecer uma desgraça, e pode ser já hoje, meu Deus, faz com que ela nos devolva o Martim, depois o marido que a leve ou o diabo que a carregue, que eu não quero saber mais disto, percebes, a mim tanto se me dá,

E enquanto acelera o compasso descritivo, pontuado pelos soluços e acentuado pelas lágrimas, que estão para o discurso oral como o *bold* para o texto escrito, sublinhando aqui e ali a frustração, a impotência, e talvez até uma inesperada inclinação para o mal, o marido de Joana, a recuperar do pasmo num vagar de coma, tenta balbuciar umas palavras, qualquer coisa que começa, inevitavelmente, por Joana, mas que não chega a findar-se em propósito, e os três homens, no beiral da porta, postos em sentido pela urgência do comunicado, ainda que

este lhes chegue abafado pela conversão em murmúrio, seguraram pelo pescoço as cervejas, caídas dos dedos como fantasmas de coelhos mortos, agarram-se à sensação de terem pés e de haver um chão, porque a realidade, essa magana de piro-lito frágil e humor incerto, cabriola pelo quarto, fazendo estremer as fundações daquilo a que chamamos, comumente, mundo, e que mais não é do que a versão comercial, baratucha e estripada de rigor de uma coisa muito mais pesada e inestética, da qual só vemos a feição, em contrapicado, quando está prestes a esmagar-nos num *remake* de *godzilla*, e todo o quarto é um barco submetido aos vagalhões da surpresa, e aquelas pessoas da terra média, de um T2 em Benfica ou de uma vivenda no bairro dos telefones, não estão preparadas para o alto-mar existencial no qual tudo quanto há se desnuda na inexistência de terra firme.

Joana, principia novamente o marido, que fazes com esse miúdo ao colo, o que se passa?

É o Francisco, balbucia Joana a medo, o nosso filho, como podes não reconhecê-lo, tem vestida aquela roupa que a tua mãe lhe deu há mês e meio, e Joana levanta o bebé para que o marido o veja, para que todos atestem a adequação do que está a ser dito, mostra-o como se apresentasse uma prova, tremelicando dos braços, à espera de que uma boca verta um veredicto pelo qual se desfaça o engano, e, enquanto Joana se expõe ao critério do júri, sente que a mancha líquida a que correspondia, ainda há pouco, o apogeu de um prazer pontual, se alastra pelo tecido das calças como uma onda que nasce de uma contracção na barriga do mar da Índia e que sobe até se parecer com um prédio de sete andares sem janelas, sorvendo, à sua passagem, barcos, casas, gente e algum animal moribundo

ou apeado por mãos humanas, até derramar os proveitos da sua pilhagem no mar infinito, que regurgita tudo quanto não lhe apraz numa praia de Moçambique, onde as crianças acorrem para vasculhar os escombros, numa fome de tesouros.

Joana, querida, o que dizes, responde o marido, que Francisco, Joana, não temos filhos, lembras-te, meu amor? Não há Francisco nenhum, esse miúdo é filho deles, olha para eles, estamos a assustá-los, querida, dá-lhes o miúdo e a gente vai para casa falar disto, estás cansada, ela está cansada, tem trabalhado muito e não tem dormido, e faz o relato olhando para a audiência, que segue a conversa em registo de ténis, dá-lhes o miúdo e vamos embora, que eu trato de ti, estás cansada, precisas de dormir e eu trato de ti, anda, se faz favor, anda, e enquanto fala vai entrando no quarto, saindo do conforto do espectador para tomar um lugar no palco, assim forçado pelo amor ou pela vergonha, nunca terá coragem de dizer qual dos dois o impele a resgatá-la, a sua Joana, cada vez mais assustada, encurralada entre a parede e o desconforto de uma verdade impartilhável, tremendo, num registo de sismógrafo, Joana perde a força nos braços como lhe mirra igualmente o músculo da certeza e, escorando as costas na parede, desata num choro, fitando o bebé que lhe calhou nos braços numa vindima de natalidade, o pequeno Francisco convertendo-se, até para ela, num Martim desconhecido, um Martim muito mais pesado do que um Francisco, muito mais difícil de suster na alcofa dos braços, e Joana quer avisar que está quase a perder o miúdo para a gravidade, mas não chega a conseguir falar porque a voz embate numa parede de lágrimas e volta para trás, Joana tenta conquistar tempo agarrando cada braço com a mão oposta, mas é inútil, o chumbinho do Martim desliza-lhe

pelo colo com uma força proporcional à sua massa e inversamente proporcional ao quadrado da distância que o separa da terra, essa mãe informe que tudo reclama num abraço universal, e Joana deixa cair o miúdo, não se ouve nenhum grito, ao contrário do que esperava (diz-se nos corredores da neurologia que uma pessoa normal tarda duzentos milissegundos a reagir, e talvez não se tenha passado tanto tempo ou talvez o silêncio afogado seja uma reacção) o bebé tomba pesadamente e Joana percebe que as suas pernas, que sentia cada vez mais molhadas, estão afinal cobertas de sangue, e não consegue conter um grito.

\*

Joana acorda a gritar, é tudo quanto alcança trazer do sonho. Ergue-se até ficar sentada na cama, destapando grande parte do corpo de Jorge, que continua a dormir, como se há pouco não estivesse a fazer o esforço de convencê-la de que a sua maternidade era tão incorpórea quanto o sonho no qual fundeava as suas raízes, o Jorge tem o sono pesado, pensa Joana, ainda bem, repete para si própria, ou teria acordado com este lastro de histeria que trago em mim tal como o frio que se importa para dentro de casa, e ele tem andado cansado, tem trabalhado tantas horas por dia, não merece que o inquiete com um sonho fantasioso de grávida, é tudo quanto isto é, o bebé encontrou decerto forma de trepar a sua presença para dentro do inconsciente, que acaba por o digerir assim, tropeçadamente e aos repêlões, e dou por mim com uma casinha em São Domingos de Rana, eu que nunca lá fui, que nem sei se fica na margem sul ou na margem norte do Tejo, a braços com

um filho que não é meu e a fazer coisas, no escuro, próprias do escuro, mas que me envergonham, porque não são próprias de mim, e não tenho dúvidas de que haverá, em mim, um bocado tão escuro como o do sonho, que eu não conheço pessoalmente e que se diverte a fazer de mim, assim que eu viro costas à luz e abro mão da consciência.

Sentada na cama, Joana afrouxa os dedos, cravados nos lençóis, como se os lençóis fossem o chão e o chão fosse o substrato mínimo da realidade, e ajeita o cobertor para cobrir, de novo e por inteiro, o corpo de Jorge, que está frio, pensa Joana, é um Dezembro triste este que passa por nós sorvendo uns grãos de areia ocasionais da ampulheta do tempo que nos resta. De todos os meses, Dezembro é o que a Joana menos gosta, por causa do Natal, foi no Natal que perdeu os pais numa contracurva da estrada antiga que liga Lisboa ao Algarve e, enquanto Joana reclamava o sempiterno par de meias que, um dia, figurará como imagem da palavra prenda num qualquer dicionário ilustrado, os pais, engarrafados num rebanho de camiões, serpenteavam as faixas da estrada no enalço de um tempo de que não chegariam a sentir a presença. Dezembro é mau e frio, nele não viceja nada senão a dor que se repete em erupções de reumatismo, Janeiro é longo e pluvioso de contas e de correcções económicas, são os transportes, o IVA, a gasolina, o preço da bica, da farmácia, do seguro do carro sistematicamente pago no dia em que a apólice vence com um adiamento madrugador do subsídio de férias, em Fevereiro o Jorge faz anos, e é nesse dia que comemoramos também o anúncio do fim da hibernação forçada, é o dia em que a marmota sai da toca, como no *Bambi 2*, e, não vendo a sua sombra, anuncia a chegada da Primavera, da bonança, da charneira



*abyssmo*